

COMUNICAÇÃO



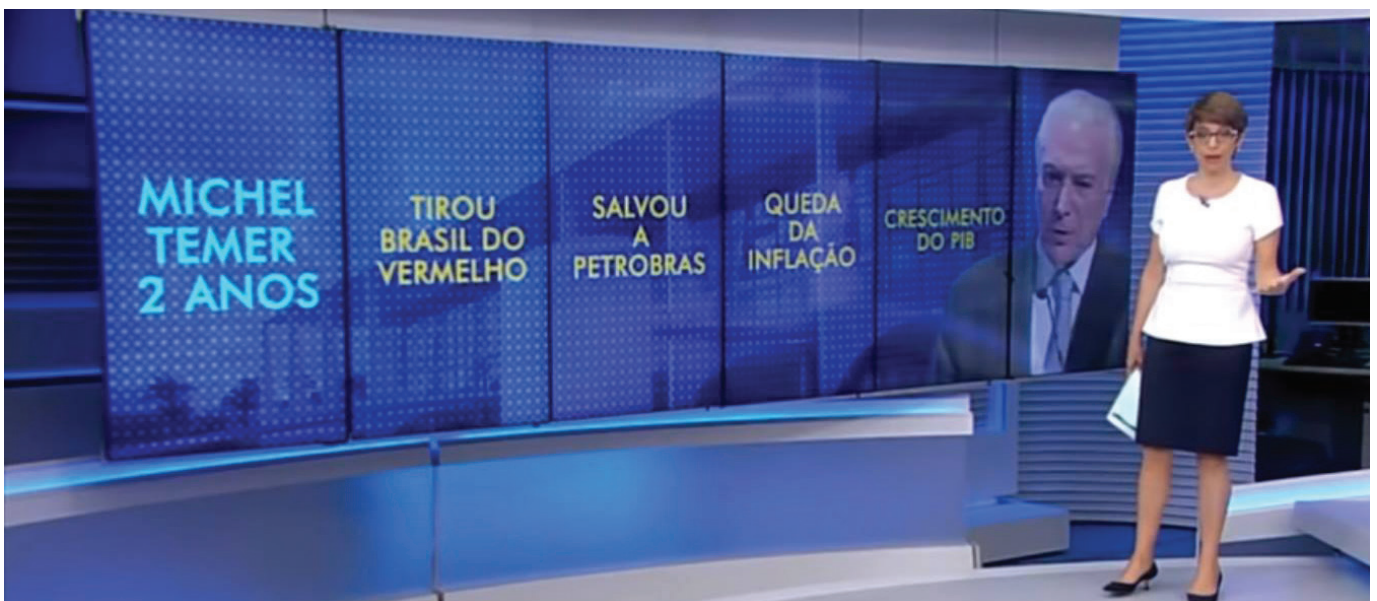
Foto de Francisco Proner

Esta seção analisa como os grandes grupos da imprensa tradicional camuflaram a crise política e social na divulgação do balanço de dois anos do governo Temer. Na mídia internacional, embora tenha caído significativamente o número de reportagens sobre o Brasil após a prisão do ex-presidente Lula, observa-se que ele ainda é o principal assunto. O texto aborda ainda como se alimentam as “fake news” nas redes sociais online.

Mídia tradicional camufla crise nos 2 anos de Temer

Quem acompanhou pelos editoriais dos grupos de comunicação o balanço de dois anos do governo Temer e as principais matérias opinativas publica-

das naquela semana certamente teve a impressão de que ele governa outro país ou ainda de que os editores não acompanham o noticiário sobre a profunda crise que somente se agravou no período.



Na edição do Jornal da Globo de 15 de maio, o balanço foi ilustrado com um grande painel sobre os avanços divulgados à imprensa pela comunicação do governo: tirou o Brasil do vermelho, salvou a Petrobras, queda da inflação e crescimento do PIB. A apresentadora Renata Loprete concordou que a situação está melhorando e no final apenas pontuou que é um exagero dizer que o país avançou duas décadas em dois anos.

Apesar dos indicadores de retrocesso já divulgados nos últimos meses, os principais impressos mantiveram sem críticas o apoio a Temer iniciado ainda antes do golpe de 2016 e defenderam a agenda de reformas implantada em curtíssimo prazo, além de tentarem justificar a rejeição altíssima e recordista do atual governo. Sem exceção, aproveitaram a oportunidade para apontar o legado do governo Dilma como algo “catastrófico”. Os efeitos nefastos da atual política, no entanto, continuam secundarizados na cobertura da mídia tradicional.

A *Folha de S.Paulo*, no editorial “Temer, 2 anos”, afirma que o governo emedebista conseguiu estancar a recessão com agenda de reformas, mas patina na retomada. “Em poucos meses, o governo e a base parlamentar aprovaram o teto de gastos federais, mudanças cruciais nas leis do petróleo, melhorias na governança das estatais e o redesenho do ensino médio, além de fazerem avançar o currículo nacional comum da educação.”

Já no editorial “Legado a ser preservado”, o jornal *O Estado de S.Paulo* justifica a impopularidade de Temer. “O governo de Temer está longe de ser perfeito. Mas é inegável a existência de um legado de realizações e de projetos em linha com as necessidades do país. Desprezar o que foi feito seria um imenso retrocesso. A crise foi profunda e a recuperação econômica é um processo lento, muitas vezes árduo, mas indispensável”.

O *Estadão* aproveita para apelar aos eleitores sobre a necessidade de escolher um candidato que continue as realizações do atual governo nas próximas eleições e afirma que a situação deixada pela ex-presidenta Dilma pelo PT era muito pior.

O *Valor Econômico* publicou no dia 18 de maio o editorial “Economia segue na rota do baixo de-

sempenho”, o que contraria toda a postura otimista alardeada pelos grandes grupos nos primeiros meses do ano e reafirmada no balanço dos dois anos. “Com todas as condições favoráveis, no entanto, o desempenho econômico no primeiro trimestre foi decepcionante, a julgar por vários indicadores setoriais e, agora, pelo IBC-Br do Banco Central, que registrou queda de 0,13% no período”.

O Brasil na imprensa internacional

Os jornais estrangeiros só publicam reportagens sobre a política brasileira quando algo grave ocorre, ou quando há forte mobilização popular ao redor de algum assunto. Por isso é que se pode facilmente afirmar a grandeza do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Após a sua prisão ter sido noticiada no mundo inteiro, evidentemente houve uma queda no número de publicações tratando da situação política de Lula. É possível que seja reflexo também da perda de importância do país diante da comunidade internacional. O que se deve apontar é que, mesmo neste cenário, Lula continua a motivar a produção de notícias em veículos importantes de outros países.

Na França, o jornal *Le Monde* publicou uma carta redigida pelo ex-presidente Lula em que ele explica porque deseja ser presidente da República novamente. No texto, defende sua inocência, se diz vítima de perseguição política e de uma grande injustiça. Ele finaliza afirmando que o povo é quem deve decidir o caminho do país e que tem certeza da sua capacidade para fazer o país voltar a crescer.

Na mesma edição o jornal publicou uma mensagem assinada pelo ex-presidente francês François Hollande e por outros cinco ex-líderes de países europeus: Massimo D'Alema, ex-presidente do conselho de ministros da República Italiana; Elio Di Rupo, ex-primeiro-ministro da Bélgica; Enrico Letta, ex-presidente do conselho de ministros da República Italiana; Romano Prodi, também ex-presidente do conselho de ministros da República Italiana e José Luiz Rodríguez Zapatero, ex-presidente da Espanha. Na carta os ex-líderes se referem à prisão de Lula como precipitada e dizem que a destituição de Dilma já foi motivo de grande inquietude.

Para os ex-mandatários, a luta contra a corrupção é legítima e necessária mas não pode justificar uma operação que coloque em questão os princípios da democracia e o direito dos povos de escolher seus governos. Por último, eles pedem que o ex-presidente Lula possa se candidatar nas eleições presidenciais.

O jornal *Libération* publicou no mesmo dia uma carta assinada por 52 parlamentares europeus entre senadores franceses e deputados do parlamento europeu que se dizem preocupados com a prisão arbitrária do ex-presidente Lula. O texto afirma que após o “golpe de Estado institucional em 2016, a prisão sem provas de Lula não pode deixar qualquer democrata indiferente”. O texto diz que o “simulacro de processo” contra Lula revelou a “parcialidade de parte do Ministério Público e do Poder Judiciário brasileiro”. O documento defende também que o processo se desenvolveu com apoio da grande mídia e de uma parte das Forças Armadas.

Os parlamentares ainda chamam atenção para a escalada da violência no Brasil citando o assassinato de Marielle Franco e os tiros disparados contra a caravana do ex-presidente Lula. E alertam que a democracia e a Constituição estão em risco no Brasil, além de apelar para que os democratas do mundo todo reajam contra a prisão de Lula.

O jornal português, *Diário de Notícias*, publicou no dia 11 de maio uma entrevista com a presidenta do Partido dos Trabalhadores, Gleisi Hoffmann. Nela, Gleisi defende a inocência do ex-presidente Lula e critica a perseguição política que ele sofre. Cobrada sobre a necessidade de uma autocrítica do PT, Gleisi responde que a autocrítica está sendo feita na prática em função de uma nova forma estabelecida de financiar a campanha eleitoral.

Já o inglês *The Guardian* se referiu ao ex-presidente Lula em uma reportagem sobre o pré-candidato à presidência pelo Psol, Guilherme Boulos. A notícia trata Boulos como herdeiro de Lula, algo que, segundo o jornal, foi dito pelo próprio Lula durante o ato em São Bernardo do Campo, antes da sua prisão. Leonardo Boff e Luís Nassif também são citados como personalidades que veem em Boulos o nascimento de uma nova liderança nacional.

Na América Latina, a política brasileira é acompanhada mais de perto por jornais de países como Argentina, Chile, Colômbia e Venezuela. Todos muito preocupados com a situação econômica do Brasil. Jornais como *El Clarin*, ligados à direita, têm dado mais ênfase ao acompanhamento da situação econômica do Brasil. Já veículos mais progressistas, como a venezuelana *Telesur*, continuam a noticiar os desdobramentos dos processos contra o ex-presidente Lula e também publicam as mensagens que Lula envia do cárcere.

Enquanto o mundo aguarda o desfecho da situação do ex-presidente Lula, o Brasil continua sendo visto como um país profundamente dividido. A desistência de Joaquim Barbosa em ser candidato à presidência foi notícia nas Américas e na Europa. Jornais como *Le Monde*, *The Guardian* e *New York Times* viam no ex-ministro do STF um outsider que podia modificar o quadro eleitoral que vinha se apresentando.

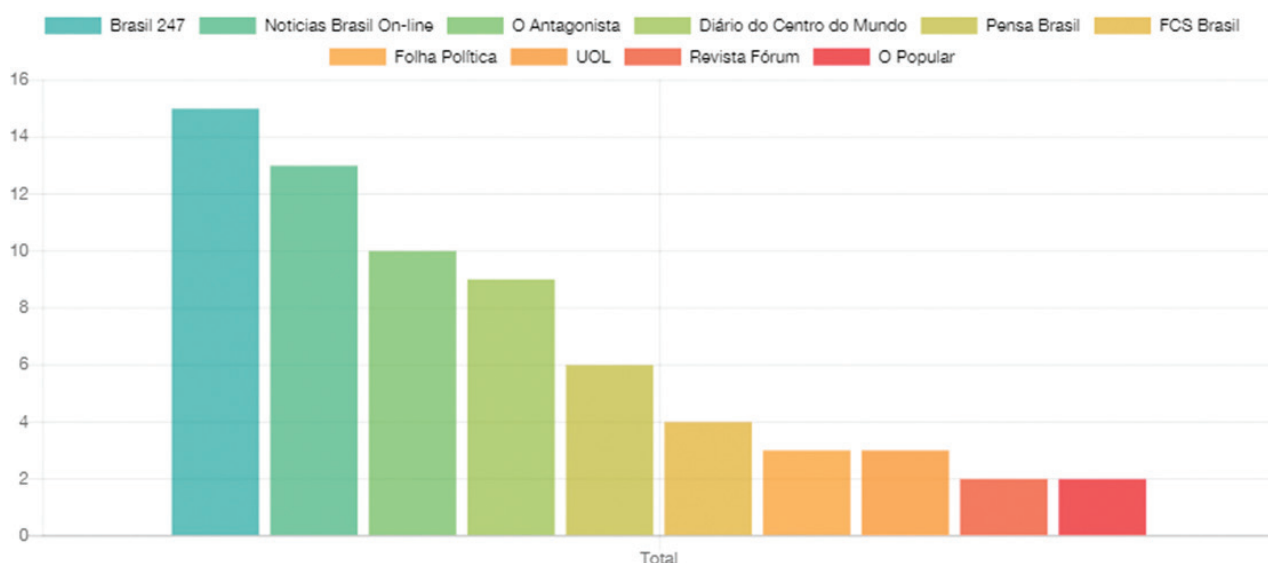
O filme sobre a vida do dirigente da Igreja Universal do Reino de Deus também chamou a atenção desses mesmos veículos porque é um sucesso de bilheteria mesmo sem a ida de espectadores ao cinema. As notícias dizem que a controversa igreja fornece os ingressos para quem vai assistir ao filme.

Fake news nas redes sociais online

No dia 17 de maio, a Polícia Federal divulgou que “concluiu que Gleisi teria recebido cerca de um milhão de reais” de forma ilícita. A cobertura do tema foi promovida, essencialmente, sobre canais de imprensa dita tradicional e por um outro segmento pouco explorado, mas que alcança um grande número de usuário nas redes sociais online: a rede de blogs anti-petistas.

Essa rede é formada por diversos blogs que não são pautados, necessariamente, apenas pelo antipetismo. Eles se alimentam de notícias tendenciosas que buscam a todo momento criar factóides que possam atingir petistas nas redes.

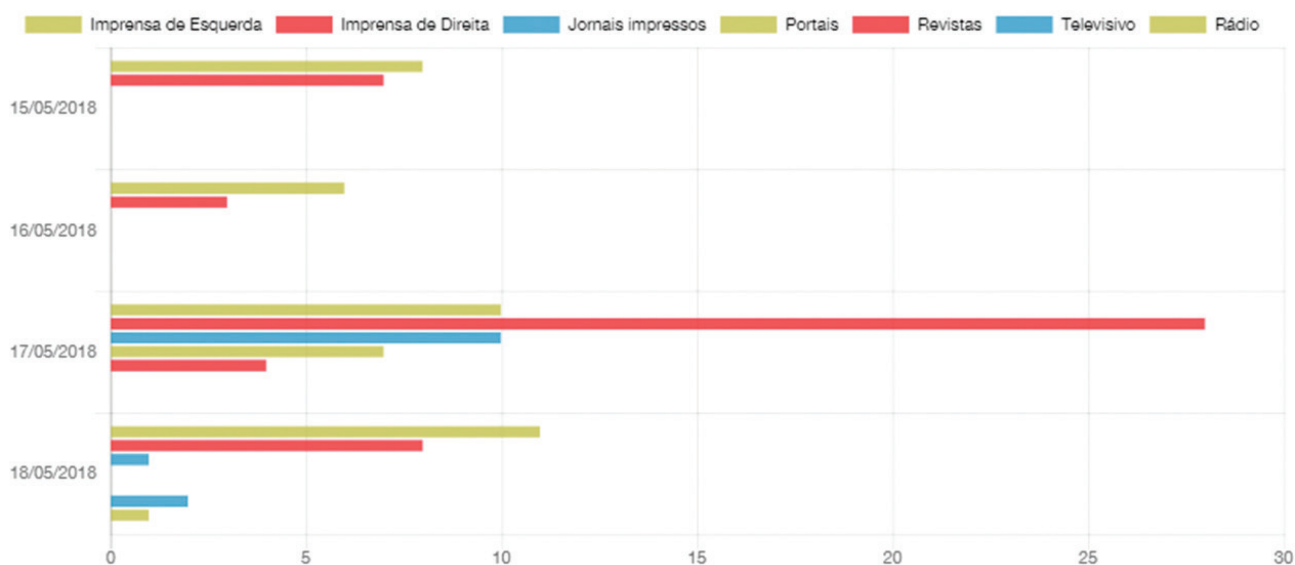
Assim, buscamos compreender qual o volume de compartilhamentos produzidos por esses agrupamentos de blogs antipetistas em comparação com canais de mídia tradicionais que também divulgaram o tema, como *Veja*, *Jornal Nacional* e *O Globo*,



por exemplo.

Entre as páginas que mais abordaram o nome da

senadora destacaram-se diversos canais de direita como Notícias Brasil Online, O Antagonista, FCS Brasil e Folha Política. Observa-se, aqui, a quase



que completa ausência de uma cobertura intensa de veículos da mídia dita tradicional.

Pela amostragem capturada na pesquisa destaca-se assim a cobertura da imprensa de direita/antipetista nas redes sociais online, com destaque para o dia 17 de maio. O volume de publicações da imprensa de esquerda desponta como uma espécie de “defesa reativa” contra os ataques incessantes desses blogs e páginas antipetistas.

Em suma, para além da cobertura promovida pela

imprensa televisiva ou jornais impressos brasileiros, observa-se o papel de disseminar informações falsas, com blogs antipetistas que buscam em curto espaço de tempo minar qualquer tentativa de defesa dos acusados perante a opinião pública.

Assim, observa-se um processo no qual a imprensa tradicional pauta o tema e uma espécie de “serviço sujo” de difamação e condenação sumária seja produzido por pequenos blogs com intensa capilaridade em redes específicas.